



## ***Walden como ponto de chegada da reflexão sobre modernidade em América***

### ***Walden as the Arrival Point for the Reflection on Modernity in America***

Vanessa de Paula Hey

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

vani\_de\_paula@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-4773-9836>

**Resumo:** Monteiro Lobato participou de forma ativa do processo de modernização pelo qual o Brasil passou nas décadas iniciais do século XX. O escritor vivenciou a modernidade sentindo o abalo nas estruturas referenciais que davam aos indivíduos estabilidade no mundo social. Ele experienciou, assim como seus contemporâneos, as profundas transformações pelas quais a sociedade passava e, a partir disso, buscou por meio da literatura e de suas outras atividades cumprir o papel de crítico dessas experiências, reagindo, portanto, ao “turbilhão de permanente desintegração e mudança” (BERMAN, 2007, p. 24), que, a nosso ver, figura-se como uma maneira de caracterizar a modernidade. Compreende-se, então, que um estudo sobre a obra de Monteiro Lobato deve incluir a discussão sobre a modernização e a modernidade. Escolhe-se, para tanto, *América*, obra desse autor que de forma mais explícita e constante discute essa temática. O presente artigo objetiva, assim, analisar uma das formas pelas quais a modernidade se vê representada nessa obra, a saber, através do diálogo que ela estabelece com a obra *Walden*, do escritor norte-americano Henry David Thoreau, pensada aqui como ponto de chegada para a reflexão sobre a modernidade em *América*.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato; *América*; Henry David Thoreau; *Walden*; modernidade.

**Abstract:** Monteiro Lobato actively participated in the modernization process that Brazil went through in the early decades of the 20th century. The writer experienced modernity feeling the shock in the referential structures that gave individuals stability in the social world. He experienced, as did his contemporaries, the profound transformations that society was going through and, from there, he sought through literature and his other activities to fulfill the role of critic of these experiences, reacting, therefore, to the “turmoil of permanent disintegration and change” (BERMAN, 2007, p.24), which, in our view, appears as a way of characterizing modernity. It is understood, then, that a study on the work of Monteiro Lobato must include the discussion on modernization and modernity. To this end, *America* is chosen, as the work of this author that more explicitly and constantly discusses these themes. This article aims, therefore, to analyze one of the ways in which modernity is

represented in this work, namely, through the dialogue it establishes with the work of *Walden*, by the American writer Henry David Thoreau, thought here as a point of arrival for reflection on modernity in *América*.

**Keywords:** Monteiro Lobato; *América*; Henry David Thoreau; *Walden*; modernity.

## **1 *América*: uma representação dos Estados Unidos do final da década de 1920 e início dos anos de 1930**

*América*, publicada em 1932, um ano após o regresso de Monteiro Lobato dos Estados Unidos – lugar onde trabalhou como adido comercial junto ao consulado brasileiro em Nova Iorque –, diferentemente das produções anteriores de Lobato, apresenta-se como um texto híbrido: misto de impressões de viagens, romance de ideias e crônica. Além disso, *América* tem como centralidade o desenvolvimento de uma temática pouco explorada pelo autor em suas obras pregressas, a saber, a discussão de questões relacionadas à nação norte-americana, tanto aquelas que dizem respeito a sua economia, política e organização social, quanto as que se referem a costumes e manifestações culturais daquela sociedade.

Através da análise e investigação das fontes de muitos dos diálogos que se estabelecem entre os personagens dessa obra, podemos afirmar que ela deixa transparecer, em certa medida, a experiência que Lobato teve naquela nação durante os anos em que lá esteve, de 1927 a 1931; dito de outra forma, ela reflete a experiência norte-americana de seus anos como adido comercial, sem ser, no entanto, uma narrativa biográfica.

Essa narrativa, “misto de impressões de viagens, romance de ideias e crônica social, apresenta-se sob a forma de diálogo entre um narrador brasileiro (sem nome) e seu interlocutor inglês, Mr. Slang”. (MARTINS, 2011, p. 1). Os dois personagens percorrem os mais diversos lugares nos Estados Unidos (museus, universidades, bibliotecas, ruas, estradas, cafés, etc.), passando a impressão, por vezes, de se tratar apenas de um relato tradicional de viagem. Porém, essa noção é superada pelas reflexões feitas acerca desses mesmos espaços. Os diálogos construídos apresentam opiniões e possíveis explicações para o progresso e desenvolvimento científico e tecnológico da nação norte-americana, como um elogio ao grau de modernização alcançado por essa sociedade (faceta pela qual o livro é mais conhecido) (MARTINS, 2008, p. 62). Apesar de o processo de modernização pelo qual passava a sociedade brasileira não ter protagonismo na obra, as

reflexões (sobre o progresso e desenvolvimento dos Estados Unidos) também se dirigem ao Brasil, uma vez que procuram interpretar a situação do país (que de acordo com os personagens estaria aquém de suas potencialidades sociais e econômicas) e apresentar sugestões para seu desenvolvimento e modernização: o investimento em propaganda, a abertura de estradas e a criação de mecanismos de comunicação eficientes (MARTINS, 2008, p. 6).

Desse livro, podem-se extrair posicionamentos a respeito da industrialização, do crescimento econômico e da modernização das estruturas sociais (voto secreto, presença das mulheres nas ruas e no mercado de trabalho), vinculados aos costumes e ao modo norte-americano de agir. Em *América*, o leitor tem contato com uma nação que caminha a passos rápidos nesse processo de modernização – tão desejado naquele momento, segundo os personagens.

A apresentação das conquistas tecnológicas e científicas da nação norte-americana, ao lado de questões artísticas e culturais (como, por exemplo, o crescimento da indústria cinematográfica, o divórcio como uma importante conquista feminina, dentre outros assuntos), é feita por meio de um texto estruturalmente marcado pela intertextualidade, recurso usado ora para referendar posicionamentos acerca da modernização norte-americana, ora para questioná-los. O diálogo que os personagens estabelecem com textos norte-americanos – jornalísticos e literários, sobretudo – traz novos elementos para a discussão da modernização dessa sociedade e para a leitura de *América* que privilegia a análise dos aspectos da modernidade representados e problematizados pela obra; sendo a modernidade aqui entendida como uma experiência de “convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua”, além de ser uma forma altamente “reflexiva de vida”, como a definiu Stuart Hall (2011, p. 15).

## 2 Diálogos com a modernidade

Os capítulos iniciais de *América*, responsáveis por apresentar e chamar a atenção dos leitores para o que de tão fantástico poderia ser encontrado nos Estados Unidos do final da década de 1920 e início dos anos de 1930 – já que antecidos pela advertência do prefácio que anuncia a nação norte-americana como a representante do futuro da humanidade –, versam, em tom leve e anedótico, sobre histórias envolvendo cachorros. Esse aspecto curioso pode fazer com que os leitores se ponham a refletir se

era isso que os Estados Unidos tinham a oferecer; em outras palavras, se era dessa matéria que esse país era composto.

O aspecto contraditório dessa relação – a diferença entre os temas apresentados pelo prefácio e os primeiros capítulos da obra – se torna ainda mais acentuado se colocarmos ao lado desses capítulos iniciais a maioria dos subsequentes, que apresentam ideias e opiniões dos personagens sobre aspectos admiráveis e elogiáveis dos Estados Unidos daquela época (de que são exemplos: o sistema de estradas, os arranha-céus, o processo de industrialização e a mecanização da agricultura), além de fornecerem possíveis explicações para o grau de desenvolvimento e progresso alcançados por essa sociedade.

O movimento realizado por *América*, de começar a narrativa com o registro de um encontro casual num cenário pitoresco para em seguida apresentar as características envolvidas no processo de modernização dos Estados Unidos – as quais os personagens avaliam de forma positiva e em tom eloquente –, é uma das estratégias narrativas adotadas pelo autor implícito dessa obra. Ele destaca, através das mudanças no teor dos episódios relatados – desde os que mais significativamente se aproximam de explicar o fenômeno americano até aqueles que não parecem ter esse propósito –, o aspecto contraditório e, em certa medida, paradoxal da experiência norte-americana, que na obra funciona como uma reflexão sobre a própria experiência da modernidade.

A modernidade está em todos os lugares e, portanto, inclui o Brasil, ainda que este país estivesse num ponto da modernidade e os Estados Unidos em outro, mais avançado se associarmos a experiência da modernidade aos processos de modernização.

Aquilo a que aqui chamamos de modernidade está em consonância com o sentido a ela atribuído por Marshall Berman: em *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1982), o autor descreve a modernidade como um conjunto de experiências vitais, relacionadas, dentre outros aspectos, à vivência de “tempo e espaço, de si e dos outros, das possibilidades e perigos da vida”, “uma experiência compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo” (BERMAN, 2007, p. 24). Segundo Berman (2007, p. 24),

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser

moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”.

O turbilhão<sup>1</sup> a que ele faz referência designa o estado de agitação e instabilidade vivenciado pelos seres humanos na experimentação da modernidade, da qual, uma vez anuladas as antigas fronteiras, não se pode escapar.

As fronteiras que Berman (2007, p. 24) cita – “geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia” – são usadas para caracterizar as antigas sociedades pré-modernas. Em *As consequências da modernidade* (1990), Anthony Giddens (1991, p. 16) discorre sobre os aspectos envolvidos nas “descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais mais tradicionais”, entre eles: o ritmo de mudança, em que se destaca a rapidez com que ela ocorre na era da modernidade; o escopo da mudança, relacionado ao alcance das ondas de transformação social – “conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra” (GIDDENS, 1991, p. 16); e a natureza intrínseca das instituições modernas, que diz respeito às novas formas de organização social que não estavam presentes em períodos históricos anteriores, tais como “o sistema político do Estado-nação, a dependência por atacado da produção de fontes de energia inanimadas, ou a completa transformação em mercadorias de produtos e trabalho assalariado” (GIDDENS, 1991, p. 16)

A modernidade que a todos engloba e que afeta alguns de forma mais intensa do que a outros (a depender da nacionalidade do indivíduo e de sua situação socioeconômica, cultural, racial, ideológica e religiosa), é uma experiência, tal como a define Berman, paradoxal e contraditória, é uma “unidade de desunidade”, é estar inserido em um ambiente que “promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 2007, p. 25).

A ambiguidade dessa experiência também é analisada por Anthony Giddens (1991, p. 17), que a descreve como um “fenômeno de dois gumes”.

---

<sup>1</sup> Para Berman, os processos sociais do século XX responsáveis por promover esse turbilhão, “mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser” (BERMAN, 2007, p. 25), podem ser chamados de “modernização” (BERMAN, 2007, p.25). Sendo assim, *Tudo que é sólido desmancha no ar* configura-se como um “estudo sobre a dialética da modernização e do modernismo” (BERMAN, 2007, p. 25).

De um lado, afirma o autor, estão as oportunidades criadas a partir do desenvolvimento das instituições modernas e de sua difusão – “bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno” (GIDDENS, 1991, p. 17). De outro, do “lado sombrio”, encontram-se as consequências degradantes da era da modernidade, dentre as quais: i) a forma como se realiza o trabalho industrial moderno, que submete “muitos seres humanos à disciplina de um labor maçante, repetitivo” (GIDDENS, 1991, p. 17-18); ii) a destruição em larga escala do meio ambiente (GIDDENS, 1991, p. 18); iii) o uso do poder político de forma autoritária, que revela que a “possibilidade de totalitarismos [fascismo, nazismo, stalinismo] é contida dentro dos parâmetros da modernidade ao invés de ser por eles excluída” (GIDDENS, 1991, p. 18); e iv) o fortalecimento do poder militar, que inclui a ameaça de confronto nuclear e a realidade do conflito armado, além do fenômeno da “industrialização da guerra” (GIDDENS, 1991, p. 19).

De forma a complementar as definições de modernidade até então fornecidas (dos autores Marshall Berman e Anthony Giddens), apresentase, agora, a de Stuart Hall, que, em diálogo com Giddens, afirma que a modernidade também pode ser entendida como uma experiência de “convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua” (HALL, 2011, p. 15), além de ser uma forma altamente “reflexiva de vida”<sup>2</sup> – noção que perpassa quase toda a narrativa lobatiana, sendo por ela representada e problematizada.

A experiência da modernidade, segundo afirma Berman (1982), é formada através de um processo contínuo, alimentado por diversas fontes, dentre as quais:

[as] *grandes descobertas nas ciências físicas*, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a *industrialização da produção*, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; *descomunal explosão demográfica*, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu *habitat* ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; *rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano*; *sistemas de comunicação de massa*,

---

<sup>2</sup> Termo cunhado por Giddens em *As consequências da modernidade* e retomado por Stuart Hall (1992) para explicar o “caráter da mudança na modernidade tardia” (HALL, 2011, p. 14).

dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; *Estados nacionais cada vez mais poderosos*, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; *movimentos sociais de massas e de nações*, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, *um mercado capitalista mundial*, drasticamente flutuante, em permanente expansão. (BERMAN, 2007, p. 25, grifos meus)

O turbilhão que o autor menciona e cujas fontes explicita também se vê representado em *América*, refletindo mesmo o movimento estrutural realizado por essa obra, ou seja, as estratégias de seu autor implícito.

De um lado, a narrativa lobatiana apresenta aspectos da experiência da modernidade que remetem às suas inúmeras possibilidades, sendo, portanto, avaliadas pelos personagens favoravelmente.

De modo a designar os produtos dos processos de industrialização, mecanização, burocratização e urbanização que podiam ser encontrados nos Estados Unidos daquela época, o autor implícito de *América* escolhe representá-los por meio da figuração de: i) estradas, vias capazes de transportar mercadorias e pessoas, de diminuir as distâncias de acesso a bens e serviços; ii) linhas de produção em massa, que garantiam um barateamento tanto do processo de fabricação quanto do produto final e, portanto, um maior alcance das mercadorias; iii) riquezas que as indústrias geravam não apenas aos próprios setores de atuação, mas também, e indiretamente, ao Estado e aos indivíduos através do aumento da produção industrial; iv) crescimento no nível de urbanização, que refletia a expansão demográfica dos centros urbanos e ensejava, no caso norte-americano, o surgimento de soluções urbanísticas e arquitetônicas inovadoras, como, por exemplo, os arranha-céus; e v) descobertas tecnológicas que se propagavam rapidamente, e que tiveram entre os seus resultados as mudanças nos costumes e nas leis: a maior presença e participação das mulheres nas ruas e no mercado de trabalho, o divórcio como uma importante conquista feminina e o voto secreto como uma prática social.

Esses tipos de mudança podem ser associados ainda àquilo a que Anthony Giddens (1991) chamou de “reflexividade da vida social moderna”, termo utilizado para denominar o fato de “as práticas sociais [serem] constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 49), ou seja, o fato de haver em todas as culturas

práticas sociais que são constantemente alteradas a partir do surgimento de novas e sucessivas descobertas, que por sua vez, passam a modificá-las (GIDDENS, 1991, p. 49). Na modernidade, segundo o autor, esse movimento de revisão de práticas sociais é radicalizado para se aplicar, em princípio, a todos os aspectos da vida humana, “inclusive à intervenção tecnológica no mundo material” (GIDDENS, 1991, p. 49). O autor também discorre sobre o caráter dialético da modernidade, já que para ele “estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado” (GIDDENS, 1991, p. 50). Em relação ainda à “reflexividade da vida social moderna”, Giddens afirma que:

Todas as formas de vida social são parcialmente constituídas pelo conhecimento que os atores têm delas. Saber ‘como ir adiante’ no sentido de Wittgenstein é intrínseco às convenções que são tiradas da, e reproduzida pela, atividade humana. [...] Diz-se com frequência que a modernidade é marcada pelo apetite pelo novo, mas talvez isto não seja completamente preciso. O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada – que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão. (GIDDENS, 1991, p. 49)

De outro lado, *América* mostra aspectos não tão elogiáveis da sociedade norte-americana segundo a avaliação dos próprios personagens, aspectos que remetem a consequências da modernidade.

Dentre eles, podemos citar: i) o consumismo exacerbado – que levou milhares a comprar de maneira acelerada mercadorias que não eram de primeira necessidade; ii) o abuso de crédito por parte dos cidadãos e das empresas – que de um lado refletia a euforia econômica do momento através do sentimento de prosperidade (LOBATO, 2009, p. 249) vivenciado pela nação norte-americana, e de outro, apontava para um endividamento cada vez maior das empresas e indivíduos; iii) a superprodução de mercadorias e o crescimento da especulação financeira – que estão entre as causas responsáveis pela queda da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929; iv) o movimento de cultura de massa – que se destaca, em grande parte, pela padronização das novas formas de produção artística, assim como pela formatação dos desejos e expectativas do público (a massa que essa indústria cultural desejava alcançar); e v) o movimento de “colmeização”

(LOBATO, 2009, p. 243) – que declara a morte do indivíduo por meio da intensificação do corporativismo.

A “colmeização” descreve o movimento de vida agregada que tende à uniformidade e ao padrão; ela está representada, segundo Mister Slang, pela “produção em massa, a entrefusão das empresas (*mergers*), os *chain stores*, os *chain* teatros, os *chain* jornais e todas as modalidades do emassamento, da coletivização” (LOBATO, 2009, p. 243). Ela reflete ainda a situação do indivíduo nesse tipo de sociedade, que tem sua individualidade calcada pelas necessidades do coletivo, o que, para o inglês, evidencia as tendências futuras do mundo, que caminha em direção à “coorporatividade” (LOBATO, 2009, p. 243).

Enquanto os aspectos positivos da sociedade norte-americana, destacados pelos personagens de *América* ao longo de quase toda a narrativa, configuram-se como formas mais evidentes de representação da modernização e reflexões sobre ela nessa obra; os aspectos negativos, que não se manifestam de forma tão clara uma vez que figurados em menor quantidade, estão presentes nos diálogos que esse texto estabelece com a modernidade, assim como no modo como ele escolhe representá-la, a saber, como uma experiência paradoxal, contraditória e altamente reflexiva de vida.

Ao mesmo tempo em que *América* apresenta os benefícios e as conveniências do processo de modernização norte-americano, ela também conjectura o custo de todo esse progresso e desenvolvimento. São as oportunidades e consequências da experiência da modernidade, e a forma dialética como elas são representadas na obra, que mostram, enfim, ser possível analisá-la através de uma leitura que privilegia a discussão de questões relativas à modernidade.

### **3 A representação da modernidade em *América* por meio da figuração de *Walden***

A primeira dessas questões relativas à modernidade pode ser localizada nos discursos que se posicionam de forma ideologicamente contrária ao processo de modernização, são visões mais críticas que se opõem à estandardização e à homogeneização produzidas pela sociedade industrializada e de massa – que é a própria descrição da sociedade norte-americana da época. Estas visões só podem ser bem compreendidas na narrativa lobatiana por meio do diálogo que ela estabelece com a obra *Walden* (1854), de Henry David Thoreau (1817-1862), cuja análise é fundamental para o estudo sobre a representação da modernidade e do sujeito moderno em *América*.

Esse diálogo é apresentado no capítulo XXXII<sup>3</sup>, já quase no fim da obra, no momento em que o narrador se põe a relatar mais um dos “muitos passeios instrutivos” pelos Estados Unidos que fizera com Mister Slang (LOBATO, 2009, p. 242). É nesse ponto da narrativa que os personagens visitam *Walden Pond* (o Lago Walden).

Logo no início do capítulo, o narrador fornece uma espécie de chave de leitura para o tipo de dinâmica estabelecida entre ele e o seu interlocutor inglês durante quase toda a obra, diz que os seus “passeios instrutivos” lembram o movimento realizado pelos filósofos gregos, os chamados “peripatéticos”, que filosofavam enquanto caminhavam (LOBATO, 2009, p. 243) – esse termo pode ser usado ainda para se referir àqueles que aprendem enquanto caminham. Porque a narrativa menciona filósofos gregos peripatéticos, o leitor pode ser levado a imaginar a conhecida relação “mestre e aprendiz” desenvolvida entre Aristóteles e seus discípulos (LAËRTIOS, 2008, p.129), que seria desempenhada analogamente, em *América*, por Mister Slang e o narrador – dinâmica anunciada já no início da obra, pelo seu prefácio, em que o narrador descreve Mister Slang como um jardineiro que tem o poder de fecundar nele “gêrmens de ideias” capazes de transformá-lo “num lindo jardim de coisas raras, se não novas” (LOBATO, 2009, p. 28).

Mister Slang considera que, no lago Walden, “esteve, fará mais de oitenta anos, [...] o mais individual dos individualistas americanos”, o escritor norte-americano Henry David Thoreau (LOBATO, 2009, p. 242). O movimento realizado por Thoreau, o eu-ficcionalizado que apresenta *Walden*<sup>4</sup>, é descrito pelo inglês da seguinte maneira:

<sup>3</sup> Capítulo intitulado: “Walden Pond. Henry Thoreau. Seu personalismo. A morte do indivíduo. Colmeização. A bacanal do consumo. Abuso de crédito”.

<sup>4</sup> Blasing (1977, p. 3)), em *The Art of Life: Studies in American Autobiographical Literature*, afirma ser a autobiografia a ficcionalização de uma vida. Em sua obra, o autor discute, dentre outros aspectos, o caráter ficcional de autobiografias como *Walden*. Para ele, “Por conta da discrepância que há em autobiografias entre o tempo da ação e o tempo da narração, pode-se afirmar que uma situação ficcional já existe, uma vez que a experiência do ‘eu’ está sendo criada a partir da memória e dentro do quadro conceitual do registro do ‘eu’. No caso de *Walden*, esse processo de ficcionalização torna-se bastante complicado, pois o registro passou por sete versões diferentes antes que a versão final surgisse. O que encontramos em *Walden*, então, é [...] um ‘eu’ narrativo que se move continuamente por cerca de sete ou oito anos” (BLASING, p. 3-4, tradução nossa). Ao concordarmos com essa perspectiva crítica, também concordamos em realizar a leitura de *Walden* como ficção, o que nos leva a separar o escritor Henry David Thoreau de sua versão ficcionalizada, o “eu-Thoreau” da obra, personagem-narrador de *Walden*. Citação original: No original: “Due to the discrepancy in autobiography between the time of the action and the time of the narration, a fictional situation already exists, since the experiencing ‘I’ is being created out of the memory and within the conceptual framework of the recording ‘I’. In the case of *Walden* this process

Construiu com as suas próprias mãos sua cabana tosca na qual passou dois anos a escrever *Walden*, livro hoje clássico. Vivia com o dispêndio de 1 dólar por mês, para a alimentação, e soube realizar um período de absoluta vida livre. Contam que certa vez lançou ao lago os três únicos enfeites que havia na cabana – três pequenos pedaços de calcário que ele mesmo recolhera numa das suas excursões pelos arredores. ‘Escravizam-me. Exigem que eu os espane...’. (LOBATO, 2009, p. 242)

*Walden* ou *A Vida nos Bosques* apresenta em sua composição vários relatos ficcionalizados das experiências e experimentos realizados por Thoreau (2010), assim como inclui uma série de reflexões sobre o período em que o autor viveu às margens do Lago Walden, entre os anos de 1845 e 1847. Já nas primeiras páginas de sua narrativa, Thoreau (2010) discorre sobre aquilo que se configura como o movimento principal por ele realizado em sua obra, a saber, a mudança para o Lago Walden e toda a experiência que incluía viver em contato com a natureza e, principalmente, afastado da civilização – e que em parte já fora apresentado por Mister Slang na citação anterior; vejamos:

Quando escrevi essas páginas seguintes, ou melhor, o principal delas, eu vivia sozinho na mata, a um quilômetro e meio de qualquer vizinho, numa casa que eu mesmo tinha construído à margem do Lago Walden, em Concord, Massachusetts, e ganhava minha vida apenas com o trabalho de minhas mãos. Vivi lá dois anos e dois meses. Hoje em dia sou de novo um hóspede da vida civilizada. (THOREAU, 2010, p. 17)

Essa obra, que se afasta do estilo convencional da prosa de ficção, como também *América*, constitui-se como uma mistura de observações sobre a natureza, experiências pessoais e também dados históricos. Para Blasing (1977), as atitudes e expectativas dos leitores em relação a *Walden* têm um papel importante na determinação de seu conteúdo: “Por exemplo, *Walden* foi lido como um relato factual e como ficção, como um livro sobre a natureza e como um texto transcendental altamente simbólico, e como

---

of fictionalization becomes rather complicated, because the recording went through seven different versions before the final version emerged. What we find in *Walden*, then, is [...] a narrating ‘I’ that is continuously moving through some seven or eight years”.

um manifesto político-econômico e como poesia. (BLASING, 1977, p. 3-4, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Ela reflete sobre a existência humana, de um lado como resposta às indagações particulares do narrador, e de outro como resposta às questões sociais, políticas, econômicas e espirituais que diziam respeito aos propósitos e modos de vida de uma sociedade desenvolvimentista – referência à nação norte-americana que, em meados do século XIX, vivia seu apogeu industrial e urbano, derivado de um crescimento exponencial que intensificava a complexidade da vida social.

Em *Walden*, Thoreau afirma estar insatisfeito com aquilo que ele via como resultado do progresso e do desenvolvimento, isto é, os desastrosos cometidos contra a natureza e o ser humano, causados pelo advento de um consumismo, descrito por ele como viciante e vicioso. Ao discutir sobre o que é necessário à vida, o narrador afirma ainda que:

Não só a maioria dos luxos e muitos dos ditos confortos da vida não são indispensáveis, como são francos obstáculos à elevação da humanidade. Quanto a luxos e confortos, os mais sábios sempre levam uma vida mais simples e frugal do que os pobres” (THOREAU, 2010, p. 27).

Contra-pondo-se a esses rumos do desenvolvimento social, ele decide mostrar na prática uma possibilidade de se viver com o mínimo necessário à sobrevivência – para ele,

as coisas necessárias à vida humana [...] podem ser classificadas de maneira razoavelmente precisa sob as várias rubricas de Alimento, Abrigo, Roupas e Combustível; pois apenas quando dispomos delas é que estamos preparados para enfrentar os verdadeiros problemas da vida com liberdade e alguma perspectiva de êxito. (THOREAU, 2010, p. 25).

Em *Walden*, ao se refugiar na natureza, Thoreau constrói com suas próprias mãos a sua moradia e se alimenta daquilo que ele mesmo cultivara em sua horta, tentando provar ser possível levar uma vida simples e viável em termos financeiros – ao menos, é o que ele diz estar fazendo.

---

<sup>5</sup> “For example, *Walden* has been read as a factual account and as fiction, as a nature book and as a highly symbolic transcendental text, and as a political-economic manifesto and as poetry”.

*Walden* é composto ainda por várias partes que apresentam observações e discussões do autor acerca da natureza. Muitos críticos de literatura norte-americana, como Walter Harding (1969), afirmam serem estas as partes mais aproveitáveis do livro, mais do que as reflexões filosóficas tecidas por Thoreau:

Muitos veem a obra como uma espécie de declaração de independência pessoal, uma experiência social e também uma descoberta espiritual, assim como um manual de sobrevivência na mata, prevendo a autossuficiência daquele que decidir seguir os mesmos passos do autor. Pode ser estudado também como manifesto poético em face ao grande desenvolvimento da civilização industrial que ganhava forças nos Estados Unidos. (HARDING, 1969, p. 151).

Pelas reflexões sobre a natureza e a relação que o homem civilizado tem com ela, *Walden* é considerado por autores como Garrard (2006, p. 97) um dos pontos de partida para as discussões de Ecocrítica, dentro do tropo *Wilderness*<sup>6</sup>, no pensamento teórico norte-americano. Para esse autor, “*Walden* de Thoreau pode ser visto como o término da pastoral do Velho Mundo na literatura norte-americana [tropo que antecede o *Wilderness*], ao colidir com a tecnologia e a confiança cultural autônoma da jovem república” (GARRARD, 2006, p. 97). Isso porque Thoreau afirmava estar mostrando, através de sua experiência, que era possível viver consumindo menos e em harmonia com o mundo natural – aspectos que estão entre os pressupostos defendidos por essa corrente teórica, ainda que o movimento realizado por Thoreau seja interpretado por muitos autores como “política reacionária” e “misanthropia ocasional” (GARRARD, 2006, p. 104).

Thoreau, em *Walden*, constrói sua própria cabana perto do lago, alimenta-se a partir do que planta nos arredores, e gasta apenas o necessário para a sua sobrevivência, dispensando, assim, o que considerava supérfluo. Agir dessa maneira configurava-se como uma resposta ao progresso e ao desenvolvimento desenfreado da civilização, que simbolizavam para ele, além de uma ameaça à natureza e ao ser humano, formas de escravização. O autor afirmava, portanto, que viver em liberdade (aquilo que ele estava

---

<sup>6</sup> “Mundo natural” na tradução de Vera Ribeiro (GARRARD, 2006). O tropo *Wilderness* refere-se à natureza “em estado não contaminado pela civilização, é o mais poderoso constructo da natureza de que dispõe o ambientalismo do Novo Mundo” (GARRARD, 2006, p. 88).

mostrando na prática) era uma maneira de renovação espiritual. Em *Walden*, ele vai morar afastado da civilização com o desafio de encarar apenas aquilo que declarava serem os fatos relevantes da vida (a possibilidade de conhecer-se a si mesmo a partir de um contato mais próximo com a natureza, e de encontrar, através dessa experiência solitária, os seus próprios caminhos).

Após Mister Slang introduzir a história de Thoreau na narrativa, motivado pelo lugar em que eles se encontram, o narrador afirma compreender a atitude desse autor em se isolar; para ele: “A disciplina social exaure. O chamado progresso não passa duma escravização mais apertada, que as massas consentem e aplaudem e, portanto, impõem à minoria individualista. Conheço a obra de Thoreau. É o meu homem em momentos de desespero” (LOBATO, 2009, p. 242-243). Ambos, narrador e Mister Slang, parecem se refugiar em Thoreau no momento de cansaço da civilização. E embora Mister Slang fosse o mais “ímpetuoso justificador do progresso sob a sua forma *yankee* de aplicação em massa da ciência ávida”, ele também, como muitos, afirma o narrador, “tinha o passo mais curto que o progresso americano” (LOBATO, 2009, p. 243).

Aquilo a que o narrador chama de “minorias individualistas” remete a algumas das principais características da corrente teórica da qual Thoreau fazia parte, o chamado movimento “transcendentalista” – uma reação contra o racionalismo do século XVIII, uma filosofia liberal que privilegiou a natureza em lugar da estrutura religiosa formal, a percepção individual em lugar do dogma, e o instinto humano em lugar da convenção social, podendo ser chamado também de filosofia idealista (TRANSCENDENTALISM-LEGACY, 2013 *apud* ROCHA, 2018, p. 68). Em *Walden*, a atitude individualista – que Mister Slang também espera do narrador no que concerne à adesão irrefletida ao pensamento de “Toda-a-Gente” – pode ser ilustrada pela seguinte passagem:

Eu não gostaria que ninguém adotasse meu modo de vida em hipótese alguma; pois, além de poder encontrar algum outro antes que ele tivesse aprendido direito este de agora, desejo que possa existir o maior número possível de pessoas diferentes no mundo; mas gostaria que cada uma delas se dedicasse a encontrar e seguir *seu próprio* caminho, e não o do pai, da mãe, do vizinho. (THOREAU, 2010, p. 77, grifos do autor).

A autonomia de pensamento, representada, em *América*, pelo estilo de vida adotado por Thoreau, o qual Mister Slang descreve como “independência pessoal”, apresenta-se como um movimento contrário àquele realizado pela civilização norte-americana daquela época, que cada vez mais, avançava em direção à conformidade das massas, ao “ideal coletivo”, recuando, desta forma, em subjetividade – “vamos tendendo para a vida da colmeia, onde o indivíduo não conta” (LOBATO, 2009, p. 243).

Ao expor os dois extremos da situação, de um lado a vida que tende ao corporativismo, de outro a postura individualista voltada à total reclusão, Mister Slang argumenta que o progresso e o desenvolvimento têm os seus custos, ou seja, que as rápidas transformações por que passava a sociedade norte-americana cobravam o seu preço. Independentemente do lado que se escolha, haverá sempre consequências inseparáveis desse processo, uma vez que a modernidade é isto, uma experiência paradoxal e dialética, que está em todos os lugares, afetando uns mais do que a outros, porém, sem deixar de mover todas as pessoas que dela fazem parte, mesmo aqueles que desejam, como Thoreau, dela se distanciar – “Presos na sua engrenagem, o espremeur dos indivíduos se torna pueril” (LOBATO, 2009, p. 243).

Nesse movimento dialético percebemos novamente a presença do autor implícito, que diferente dos personagens e, principalmente, do narrador – que assume uma postura de conformidade frente a um cenário que ele próprio afirma ser ruim<sup>7</sup> –, espera que os leitores reflitam com cautela sobre a situação apresentada ao invés de simplesmente assimilar ou mesmo adaptar-se passivamente a ela. Ao que parece, o autor implícito não pretende, com esse movimento, que o leitor escolha um lado, mas apenas que compreenda que os avanços do processo de modernização, tomados em grande parte da narrativa como ideais, trazem a sua contrapartida. Aquilo que fora, até então, elogiado também apresenta seus aspectos negativos (matéria da qual a modernidade também é composta, sendo parte do que faz dela uma experiência tão complexa). Os lados apresentados – o do isolamento e o do corporativismo – são, ambos, resultados indesejáveis, porém, possíveis da modernidade, são contrários que convivem.

A partir da referência a Thoreau, os personagens vão discutir temas até então pouco abordados, como o questionamento do progresso,

---

<sup>7</sup> “Excesso, excesso, eis o verdadeiro mal da América, o não sei quê causador do indefinível mal-estar que todos sentimos” (LOBATO, 2009, p. 245).

do desenvolvimento e da modernização. Assim, o que predomina até esse momento nessa obra lobatiana é aquilo que aparenta ser um aplauso exacerbado e até certo ponto irresponsável (já que suas consequências não são consideradas) ao desenvolvimento alcançado pelos Estados Unidos. Ao chegarmos ao capítulo XXXII, em que se fala de Thoreau, certos aspectos desse mesmo progresso passam a ser relativizados. Não parece casual que o capítulo imediatamente seguinte trate da quebra da bolsa de Nova York, reiterando o tom melancólico com que os rumos do desenvolvimento norte-americano são avaliados no desfecho da viagem.

Diferentemente das leituras mais habituais que consideram *América* um conjunto de elogios acrílicos à modernidade norte-americana, consideramos que, especialmente a partir do capítulo XXXII, com a menção a Thoreau e a crítica à colmeização ou standardização, o livro também critica os rumos da modernidade, especialmente no que concerne à perda da individualidade em favor da submissão a padrões industriais e sociais. Não seria a primeira vez que, a caminho do desfecho, um texto ficcional de Lobato convidaria a uma leitura mais crítica da representação ficcional e do mundo ao qual ela se refere. Na cena final do conto “Duas Cavalgadas”, o narrador percebe seu equívoco:

As convicções por ele apresentadas anteriormente começam a ruir, porque estavam fundadas sobre terreno pouco seguro. Em outras palavras, o narrador defende algumas ideias mas, ao final, conclui que elas estavam equivocadas. (MARTINS, 2019, p. 90).

Tendo em vista os movimentos realizados pelo autor implícito dessa obra na construção de sua estrutura narrativa, é possível afirmar que ele opera de maneira a exigir de seus leitores, não a adesão ou a repulsa imediata àquilo que está sendo discutido sobre a modernidade, mas a reflexão mais a sério sobre essa experiência, que é ao mesmo tempo paradoxal e dialética – um “turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” (BERMAN, 2007, p. 24). Pede, enfim, que os leitores pensem por si próprios (como também sugere Thoreau, em *Walden*), levando em consideração não apenas aquilo que os personagens dizem, mas também o que escolhem omitir, assim como a forma como apresentam e discutem os temas relativos à modernidade nos Estados Unidos.

O caráter paradoxal dessa experiência se faz ainda mais evidente quando observamos a forma utilizada pelos personagens para apresentá-la. Ao falar do movimento de formação das massas, por exemplo, Mister Slang o descreve utilizando-se de expressões como: “colmeização”, “standardização”, “corporativismo” e “emassamento” – além de denominar aquele que faz parte dessa estrutura como “homem-abelha”, associando, desta forma, o comportamento humano ao animal. Essa mesma situação acontece em momento anterior da narrativa, quando o narrador qualifica os “bilhões” de passageiros de *subways* nova-iorquinos como “formigas humanas” (LOBATO, 2009, p. 177). Não por acaso, o modo de vida norte-americano é correlacionado ao de formigas e abelhas – insetos “sociais” (uma vez que vivem em colônias) conhecidos pelo trabalho incessante em atividades diárias.

Essas escolhas não são arbitrárias; ao contrário, servem para mostrar certo descontentamento dos personagens diante do processo de despersonalização (ou mesmo de desumanização) pelo qual passa o indivíduo na modernidade – ou ainda, se tivermos como parâmetros “formigas” e “abelhas”, poderíamos afirmar estarmos diante do processo de animalização do homem. Nessa situação, o sujeito moderno tem sua individualidade tolhida em prol da eficiência do sistema – representado, na narrativa lobatiana, pelas máquinas e ícones da modernização. Estamos, pois, frente a um cenário em que os sujeitos vivenciam, pouco a pouco, a perda de sua identidade em função do fortalecimento do coletivo, em que, cada vez mais, se veem prestes a desaparecer no meio da multidão (POE, 1988)<sup>8</sup> ou do turbilhão da vida moderna (BERMAN, 2007, p. 24). Todos esses aspectos, que também eram responsáveis por assegurar aos Estados Unidos a posição de potência econômica mundial, figuram-se, em *América*, como uma guerra contra o indivíduo e a individualidade, em que cada “novo invento, significa um passo à frente para a vida agregada, para a uniformidade, para o padrão” (LOBATO, 2009, p. 243).

A modernidade, dessa forma, não é representada pela via do entusiasmo, mas sim, pela via mais complexa. Interessa para esse autor implícito colocar em discussão os limites da modernidade como uma força positiva para as coletividades humanas e para os indivíduos que dela fazem parte, apresentando também suas limitações.

Quase na metade do capítulo XXXII, após a apresentação de Thoreau e a discussão sobre o processo de “colmeização”, Mister Slang menciona o

---

<sup>8</sup> Em “O homem das multidões”, de 1840, Edgar Allan Poe já criticava a perda da identidade individual frente ao coletivo.

articulista Raymond Fosdick, a quem o inglês atribui o lema de “simplificar” (que é, na verdade, um moto proposto e repetido inúmeras vezes em *Walden*). Segundo o inglês, esse autor “estuda muito bem o fenômeno, e tem o [seu] aplauso quando diz que estamos hoje sufocados pelo excesso de coisas” (LOBATO, 2009, p. 244).

Raymond Fosdick parece surgir no texto apenas de passagem, como uma menção pouco importante, porém, ele é o autor de um artigo do *The New York Times*, intitulado “The Individual’s Place in the Age of Machines”, de 22 de junho de 1930. Nesse artigo, discute-se, entre outros assuntos, o movimento realizado por Thoreau de se isolar. Muitas das ideias nele contidas estão quase que totalmente transcritas (e traduzidas) nas páginas do capítulo XXXII de *América*, e não apenas o trecho em que se analisa o movimento de simplificação em oposição à acumulação excessiva de coisas. Ainda sobre esse artigo, Martins (2017, p. 27) afirma que:

Lendo o texto de Raymond Fosdick, publicado no jornal americano, observa-se que ele usa/ menciona o texto clássico de Henry Thoreau – *Walden* (1854) – para fazer críticas ao consumo e à produção em massa. Lobato, por sua vez, traduz e incorpora ao seu texto o discurso de Fosdick, parafraseando-o e citando-o, tomando suas ideias como parte das reflexões de seus personagens. A crítica feita por Fosdick tem, pois, seu público ampliado: o discurso de formatura ganha novos leitores e efeitos quando publicado em jornal; e ganha um público novo quando é traduzido e citado num livro brasileiro.

O narrador, após Mister Slang citar Fosdick (deixando pistas, embora não ostensivas, da origem dos argumentos dos dois personagens), afirma que é do excesso e acúmulo de coisas, e da grande quantidade de energia dispendida em trabalho para a obtenção dessas coisas, que advém o mal-estar que não só os personagens sentem, mas também aqueles a quem descrevem, os cidadãos norte-americanos:

Encontro finalmente um homem que sabe definir o que sinto e o que sentem todos os habitantes deste país. Vivemos todos sufocados pelo excesso de coisas. Coisas demais, vida intensa demais, ciência demais a serviço da indústria para promover a *gavage* de toda uma nação. [...] Oh, como compreendo Thoreau lançando ao lago as três pedras que lhe enfeitam a cabana! Simplificar!, eis tudo. Não fomos criados, nós homens, para vida assim pletórica. Temos necessidade de horizontes

limpos, descampados, vazios – superfícies lisas de repouso. Sinto-o comigo muito bem. (LOBATO, 2009, p. 245).

Quanto ao posicionamento assumido por Mister Slang, este ora concorda com o movimento realizado por Thoreau, ora discorda clamando pela necessidade de adaptação dos indivíduos. Apesar de enunciar uma vez mais o discurso da adaptação, o inglês reconhece o mal-estar percebido pelo narrador quanto ao excesso de coisas; segundo Mister Slang, “tudo cansa, até ter”, ainda que seja essa a lógica imposta pelo sistema capitalista que ele tanto defende: “o que estamos assistindo nessa América de após-guerra é uma verdadeira bacanal de consumo” (LOBATO, 2009, p. 246).

De forma mais evidente nesse capítulo XXXII, se comparado aos demais capítulos de *América*, figuram-se as consequências sofridas pelos indivíduos na experimentação da modernidade. A maneira como o autor implícito escolhe representá-las é muito parecida com a figuração construída por Thoreau, em *Walden* – ao menos no que concerne à discussão dos aspectos negativos envolvidos no processo de modernização da sociedade norte-americana da metade do século XIX. Vejamos.

O homem moderno, afirmava Thoreau, gasta mais tempo ganhando seu modo de vida, com o intuito de corresponder às expectativas da sociedade e, se possível, guardar para o futuro, do que propriamente vivendo. Em uma das situações relatadas pelo narrador, em que este discute com um amigo sobre qual deles chegaria mais rápido a certa região, Thoreau declara que, indo a pé, estaria lá mais rápido do que seu amigo, mesmo que este usasse o trem, porque seu amigo precisaria trabalhar para pagar o dinheiro da passagem antes de se encaminhar a esse lugar: “A distância é de 48 quilômetros, a passagem custa 90 centavos. É quase um dia de salário [...]. Bom, eu saio agora a pé, e chego lá antes do anoitecer. Tenho andado nesse ritmo a semana toda. Enquanto isso, você vai ganhar o dinheiro da passagem, e chega lá amanhã a alguma hora” (THOREAU, 2010, p. 61).

Outro raciocínio que também atesta as consequências do progresso para a humanidade e a natureza se desenha (no texto de Thoreau) da seguinte forma: para se andar num trem é preciso que se construam trilhos, que antes seja extraído ferro de alguma mina, que os trilhos passem por alguma floresta que terá sido derrubada em nome do progresso. Ainda em nome do progresso, todo esse empreendimento custará o trabalho de muitas vidas, que não serão bem remuneradas e se afastarão de seus lares para que o trabalho seja executado. Todo esse sistema gera um grande impacto

ambiental, uma vez que, derrubadas as árvores, muitos animais perderão seus territórios, além de os resíduos expelidos pelos trens serem prejudiciais ao meio ambiente. Ademais, ao construir os trilhos de trem, o homem cria uma nova necessidade, que antes não era percebida como necessidade: viajar de trem – “nós não passamos nas ferrovias; elas é que passam sobre nós” (THOREAU, 2010, p. 97, tradução nossa)<sup>9</sup>.

O narrador de *Walden* evidencia, ainda, que uma vida confortável, atendendo às expectativas da sociedade, só é possível a longas penas, os homens acabam por pagar com o seu tempo, e, portanto, com sua própria vida, para obter certos ganhos materiais da civilização e, assim, manter seus padrões sociais. Uma existência simples levaria o homem a contemplar os fatos essenciais da vida, além de ser capaz de mostrar o caminho de convivência harmônica entre a natureza e a sociedade que se desenvolvia – “Essa coisa de gastar a melhor parte da vida ganhando dinheiro para gozar uma duvidosa liberdade em sua parte menos valiosa me faz lembrar aquele inglês que primeiro foi à Índia fazer fortuna para poder depois voltar à Inglaterra e levar uma vida de poeta” (THOREAU, 2010, p. 62). Thoreau também discute como o homem, a cultura e a sociedade moderna substituíram o lugar da natureza em suas consciências. Com o avanço da civilização, houve um distanciamento entre homens e natureza. De modo semelhante, Mister Slang considera que “nós homens nos afastamos em excesso da natureza” (LOBATO, 2009, p. 247).

Raciocínios análogos a esses também se desenvolvem em *América* no momento em que Mister Slang discorre sobre o funcionamento dessa sociedade altamente industrializada, caracterizada, dentre outros aspectos, pelo consumo massivo de bens e serviços:

– Mas temos de nos adaptar ao excesso de coisas. O impulso é nessa direção. O rádio nos invadiu a vida, como a invadiram o jornal e a perseguição do reclame. Todas essas invasões vivem a serviço da indústria, que só cura de criar novas coisas e despertar no povo a necessidade de possuí-las. O demônio jamais para com as suas tentações. Prova-nos, convence-nos de que sem o automóvel é impossível a vida; ensina-nos que essa máquina devoradora do espaço é uma vitória do nosso individualismo locomotor – e destarte impele cada família americana a ter o seu automóvel. Alcançado que foi o ponto de saturação, a sereia surge agora com o programa de dois automóveis por família – e prova que isso vem aumentar a liberdade das famílias.

---

<sup>9</sup> “We do not ride on the railroad; it rides upon us”.

E assim com tudo. Cada criatura na América sente-se autorizada e é provocada a ter o que o vizinho tem. A indústria, por meio da sua maquiavélica obra de sugestão, fomenta essa ânsia. Depois, graças ao preço baixo que a *mass production* e a organização econômica das vendas com bases em saques sobre o futuro permitem, dá-lhe os meios de possuir a coisa. E temos o americano transformado em freguês possível e forçado do milhão de coisas novas que em escala sempre maior a indústria lança. Comprar, comprar – ter coisas, mais coisas. Para permitir esse ímpeto inédito no mundo veio a teoria e prática do salário alto, altíssimo mesmo. O pedreiro com 15 dólares por dia. O operário de fábrica, com 7 dólares diários. A cozinheira com 40 dólares por semana. “Pagando-lhes tais salários, faremos deles clientes.” E esse freguês inédito, o operário, surgiu – freguês em massa, aos milhões e milhões. Quanto mais lhe pagavam, mais o operário comprava – e a indústria tomou a serviço toda a ciência do mundo para melhorar os seus processos, reduzir o preço de custo, vender por cinco o que antes da entrada em campo desses milhões de fregueses só poderia ser vendido por cinquenta. (LOBATO, 2009, p. 245-246)

Nesse trecho, Mister Slang apresenta alguns dos aspectos negativos da modernização, discorre em grande parte sobre a produção em massa e a perda da individualidade. Esses elementos são caracterizados ora por uma mitologia cristã, por meio da figuração do “demônio”, ora através da mitologia clássica, representada pela “sereia”. Em ambos os casos, essas figuras cumprem o objetivo de incitar nos indivíduos o consumismo, criando novas necessidades que antes não eram vistas como necessidades. O uso desses símbolos conhecidos, que potencialmente atingem o leitor mais ingênuo, evidencia a perda das liberdades individuais em nome do consumo desenfreado.

Mister Slang encerra esse capítulo com a seguinte reflexão: “Pobre Thoreau! Se já se sentia asfixiado pela América de um século atrás, como suportaria este arranque sem tréguas que é a América de hoje?” (LOBATO, 2009, p. 247). Tal discurso, segundo afirma Martins (2017, p. 27), atribui aos capítulos finais dessa narrativa “um toque de melancolia – que [...] funciona como um convite à releitura e reavaliação dos argumentos mais incisivos que o povoam”.

A menção a Thoreau na narrativa lobatiana tem importância na relativização de tudo aquilo que já fora discutido em relação ao progresso e desenvolvimento norte-americano. Através da figuração de sua experiência, apresenta-se a contrapartida – própria da dialética da modernidade – do processo de modernização: o consumismo, a perda de individualidade, o

mal-estar social, a infelicidade e o controle dos indivíduos por corporações. Por fim, sua presença incita o leitor a assumir uma postura crítica e refletir profundamente acerca dos modos de vida desse tipo de sociedade (altamente industrializada e moderna), propondo também novas perspectivas sobre o conceito de liberdade.

A dialética sobre o qual acreditamos que *América* se constrói pode ser, então, analisada através da discussão aqui proposta sobre modernidade, cujo sentido descreve o movimento paradoxal realizado pela obra lobatiana. Ainda sobre a modernidade, Berman (2007, p. 21) considera que:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz.

Ao que parece, “revolucionário” e “conservador” são expressões não excludentes que descrevem bem o movimento estrutural e ideológico encontrado em *América*, no esforço de reflexão sobre um mundo em constante e rápida transformação. Essa última visão de modernidade que apresento permite entender parte do retrato da sociedade norte-americana feito nessa obra, pois considera o sujeito moderno como aquele que, ao mesmo tempo em que se sente seguro por estar inserido na modernidade (representada pelo progresso, pelas transformações sociais e manifestações culturais de massa), encontra-se desconcertado pela abundância e instabilidade de possibilidades a que está exposto (cansaço e mal-estar social).

## Referências

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLASING, M. K. *The art of life: studies in American autobiographical literature*. Austin: University of Texas Press, 1977.

FOSDICK, R. The individual's place in the Age of Machines, *The New York Times*, New York, 26 June 1930. p. E4.

GARRARD, G. *Ecocrítica*. Tradução: Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARDING, W. Henry David Thoreau: Walden or Life in the Woods. In: COHEN, H. *Landmarks of American writing*. Washington D. C.: Forum Editor, 1969, p. 151-160.

LAËRTIOS, D. *Vidas e doutrinas de filósofos ilustres*. Tradução: Mário da Gama. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LOBATO, M. *América*. São Paulo: Editora Globo, 2009.

MARTINS, M. R. Censura na América. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 12., 2011, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: UFPR, 2011. *E-book*. Disponível em <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0130-1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MARTINS, M. R. Duas cavalgadas: o processo criativo como objeto da ficção. *Manuscrita*: revista de crítica genética, São Paulo, v. 39, p. 80-91, 2019.

MARTINS, M. R. Monteiro Lobato e os Estados Unidos: espectador, leitor, tradutor. *Revista USP*, São Paulo, n. 112, p. 19-28, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/129725>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MARTINS, M. R. O Brasil na América: imagens do Brasil e dos Estados Unidos na obra de Monteiro Lobato. *Brasil/Brazil*: revista de literatura brasileira/A journal of Brazilian literature. Porto Alegre; Providence, v. 37, p. 59-71, 2008.

POE, E. A. *The complete illustrated stories and poems of Edgar Allan Poe*. London: Chancellor Press, 1988.

ROCHA, R. E. Natureza e sociedade no pensamento de Thoreau: do transcendentalismo ao ambientalismo. *Revista Espaço de diálogo*, São Paulo,

v. 10, n. 1, p. 66-77, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/6914>. Acesso em: 01 fev. 2021.

THOREAU, H. D. *Walden*. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Recebido em: 1º de fevereiro de 2021.

Aprovado em: 4 de agosto de 2021.